

# O niilismo como política: *Não vai acontecer aqui* e o fascismo na literatura

Sergio Schargel<sup>i</sup>

## RESUMO

Publicado em 1936, poucas ficções são tão pertinentes para compreender um movimento complexo como o fascismo como *Não vai acontecer aqui*, de Sinclair Lewis. A proposta desse artigo é, através de um diálogo entre uma base teórica sobre o fascismo e a ficção tomada por objeto, trabalhar o fascismo como uma política do vazio, baseada em uma estética da destruição. Assumindo a hipótese de que o fascismo absorve sentimentos primordiais do homem para transformá-lo em força política, espera-se contribuir para o estado da arte ao produzir uma análise crítica sobre um objeto literário que ainda não recebeu a devida atenção no Brasil, bem como mostrar que o fascismo não morreu em 1945.

**Palavras-chave:** Fascismo; Niilismo; *Não vai acontecer aqui*.

## ABSTRACT

Published in 1936, few fictions are as pertinent to understanding a complex movement such as fascism as Sinclair Lewis's *It can't happen here*. The purpose of this article is, through a dialogue between a theoretical basis on fascism and the object, to work on fascism as a politics of emptiness, based on an aesthetic of destruction. Assuming the hypothesis that fascism absorbs primordial feelings of men to transform it in political force, it is expected to contribute to the state of the art by producing a critical analysis of a literary object that has not received due attention in Brazil, as well as show that fascism did not die in 1945.

**Keywords:** Fascism; Nihilism; *It can't happen here*.

---

<sup>i</sup> Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES, ex-bolsista CNPq. Vencedor do Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5392-693X> | [sergioschargel@gmail.com](mailto:sergioschargel@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Quem disse que isso não pode acontecer aqui? Meus amigos, já está acontecendo (ROTH, 2015, p. 341).

Que seria da política sem a metáfora, sem a possibilidade de dialogar e criar alegorias? A metáfora do monopólio da violência por um homem gigantesco, o Leviatã (HOBBS, 2008, p. 15), tornou-se sinédoque para o Estado. Em 350 a.C., Kautilya, na região do atual Paquistão, escreveu que “Governos só podem ser bem-sucedidos com auxílios mútuos. Sozinha, uma roda não gira” (BOESCHE, 2002, p. 45, tradução nossa). A metáfora sustenta e impulsiona a política, auxiliando na compreensão de termos e conceitos por meio de associações, além de contribuir na formação de uma estética e poética.

A imaterialidade da política inspira a criação de metáforas e conceitos. Os fenômenos políticos são infinitos, no sentido de se reconstruírem continuamente; e etéreos, no sentido de, por serem inerentemente abertos e inconclusivos, abrirem espaço para diversas interpretações, recusando, dessa forma, definições últimas. Essas características reforçam a necessidade de alegorias para que esses fenômenos possam ser explicados e entendidos mais facilmente. Logo, a metáfora tem a função, na política, de facilitar sua compreensão. Segundo Blumenberg: “O conceito tem algo a ver com a ausência de seu objeto. Isso também pode significar: com a falta de representação consumada do objeto” (BLUMENBERG, 2013, p. 43). Na política, com a constante ausência de um objeto representável, o conceito e a consequente alegoria atrelada a ele são cruciais na formação dessa representação possível, no entendimento:

Todas as intuições são submetidas a conceitos a priori portanto, ou esquemas ou símbolos, sendo que os primeiros com exposições diretas do conceito, e os últimos, indiretas. Os primeiros o fazem de maneira demonstrativa; os últimos, por meio de uma analogia (para a qual também são usadas intuições empíricas) na qual a faculdade de julgar desempenha uma dupla atividade: primeiro aplica o conceito ao objeto de uma intuição sensível, e então aplica a mera regra da reflexão sobre essa intuição a um objeto inteiramente diverso, do qual o primeiro é tão somente o símbolo. Assim, um Estado monárquico é representado por um corpo animado quando governado de acordo com leis populares internas, ou por uma simples máquina (como um moinho manual, por exemplo) quando governado por uma única vontade absoluta [...] Pois entre um Estado despótico e um moinho manual não há

realmente qualquer semelhança, mas há, sim, entre as regras para refletir sobre ambos e sobre sua causalidade (KANT, 1993, p. 196-197).

Para traçar um paralelo, é interessante observar como Blumenberg (1992, p. 26) chama a atenção também para a metaforização de fenômenos políticos, destacando que Horácio já utilizava a imagem do Estado como um barco, assim como Hobbes o fez, posteriormente, com o gigantesco autômato, e Kant com o moinho. O autor também metaforiza guerras civis, simbolizadas como tempestades no caminho para o porto da felicidade (BLUMENBERG, 1992, p. 26). A própria noção de conceito foi metaforizado por Blumenberg (2013, p. 45) como uma espécie de armadilha, que poderia ser contextualizada para a discussão, na Ciência Política, que foi considerada acima: o conceito político exige uma abstração que causa um alargamento de seu entendimento original.

Logo no início de *Nós*, de Ievgueni Zamiátin (2017, p. 33), o protagonista, referindo-se às funcionalidades do Estado totalitário, diz: “Felizmente, são apenas pequenos incidentes que podem ser facilmente consertados, sem interromper o eterno e grandioso movimento de toda a Máquina”. Zamiátin, tendo escrito *Nós* em 1921, ou seja, antes do totalitarismo stalinista e do alemão, prevê as configurações do Estado totalitário que tomaria conta de sua nação mais de uma década depois. Para tanto, utiliza-se de metáforas e alegorias durante toda a obra, retomando não apenas as ideias de Hobbes (2008, p. 15), ao descrever o Estado como um gigantesco autômato que impõe seu controle sobre os indivíduos, mas igualmente caracterizando esses mesmos indivíduos como engrenagens necessárias ao seu funcionamento (ZAMIÁTIN, 2017, p. 33).

*Nós* é um exemplo da linguagem metafórica na representação do político. Se isso já ocorre no “real”, no sentido tanto da política prática quanto científica, nas representações literárias e artísticas é intensificado, já que a linguagem metafórica possui uma relação simbiótica com a poética (RICOEUR, 2000, p. 23). Aliás, como mostra Ricouer (2000, p. 17), a metáfora possui relação intrínseca também com a retórica, que, por sua vez, é uma ferramenta necessária para qualquer político, o que evidencia a relação entre metáfora, poética e política. Na literatura ficcional política, fenômenos, sistemas e metodologias são continuamente apresentados sob a forma alegórica e/ou metafórica. Metáforas que, em geral, funcionam para suas aplicações

“reais”. A ideia de engrenagens de uma gigantesca máquina, presente em *Nós*, é apropriada aos governos totalitários que surgiram pouco depois da publicação da obra.

## **1. FASCISMO**

Diferenciar fascismo de autoritarismo é complexo. Com frequência, autoritários e ditadores militares foram interpretados como fascistas, e ainda há expressiva discussão sobre se seria possível classificar como fascistas ditadores como Francisco Franco e António Salazar, ou mesmo Juan Perón e Getúlio Vargas. A interpretação deste trabalho se baseia principalmente nas análises históricas defendidas por Paxton (2007, p. 248-249, 318-319) em *Anatomia do fascismo*, que não descarta que esses políticos tiveram, de fato, traços e inspirações do fascismo, mas que se aproximariam mais do autoritarismo. É importante ressaltar, porém, que autoritarismo e fascismo não são excludentes, pois muitos regimes autoritários flertam com o fascismo e possuem traços comuns — apenas não são o mesmo pela ausência de aspectos basilares, como uma base de massas ou o líder messiânico. As características entendidas como essenciais do fascismo trabalhadas aqui são uma base de massas, o apoio circular de diversos setores da sociedade, a pauta de inimigos objetivos, o líder como Messias, o conspiracionismo paranoico e o retorno à terra prometida – o passado mítico. Assim, seguindo as ideias de Robert Paxton (2007, p. 06, 47, 70, 78, 213), este trabalho toma fascismo como a aparição simultânea de quatro outros conceitos:

I) Autoritarismo – Qualquer exemplo histórico ou contemporâneo aponta que não há fascismo que não seja antidemocrático em sua própria essência. O fascismo absorve o autoritarismo na unilateralidade e necessidade de um líder forte que não se dobra a ninguém.

II) Nacionalismo – A ideia de Estado-nação está para o fascismo como a liberdade está para o liberalismo ou a igualdade para o socialismo.

III) Reacionarismo – Tomando o reacionarismo como uma reação a uma suposta degenerescência. É imprescindível ao fascismo que se coloque como uma reação, mergulhado na melancolia de tomar o contexto político como degenerado, contando que apenas o messias poderá impedir essa decadência. Decorre, portanto, o discurso melancólico de retorno a um passado mítico, em geral inexistente, e o conspiracionismo paranoico de acreditar que o inimigo objetivo está destruindo a nação.

IV) Populismo – Tomando populismo como um movimento de massas com discurso antielite.

Embora as configurações do que se entende, atualmente, por massa sejam distintas daquelas estudadas por teóricos como Freud (2011) ou Wilhelm Reich (2001), o impacto das massas no fascismo, com uma mobilidade virtual em formato de “enxame”, conforme proposto por Franco Berardi (2019, p. 100-102), continua pertinente para tratar os fascismos contemporâneos e é central em qualquer teorização do fascismo. Conforme Robert Paxton (2007, p. 287), são duas as diferenças essenciais de qualquer fascismo em relação ao autoritarismo: a primeira é a necessidade de uma base de massas com apoiadores de todos os setores sociais e a segunda é a existência de um inimigo (real ou imaginário). O fascismo necessita da mobilização popular por não ser uma imposição de cima para baixo. Outrossim, como confirma Paxton, a inexistência desse apoio de massas é um dos principais fatores para que governos autoritários, comumente tomados por fascistas, como a Ditadura Militar brasileira, não sejam realmente fascistas. Sobre massa se entende que

designa uma coletividade de grande extensão, heterogênea quanto à origem social e geográfica dos seus membros e desestruturada socialmente. Ou seja, é composta de indivíduos que não se diferenciam em termos de comportamento, de valores ou de posição social [...] Compreendida desta forma, a massa adquire a característica de uma construção vazia e que se propõe a ser neutra; logo, inviabiliza, pela própria essência, uma classificação mais precisa e conceitual. Estabelecido em massa, o indivíduo cristaliza-se de uma forma anônima, onde seus valores e concepções individuais ‘desaparecem’ em detrimento dos valores e concepções de um conjunto. Seus desejos passam a ser os desejos da massa que, por sua vez, atua no sentido de homogeneização do comportamento de seus membros (SILVA, 2012, p. 30).

O fascismo é melancólico. A melancolia fascista é gerada pelo medo. Medo do futuro, medo do diferente, medo do monstro. O fascista é, antes de tudo, um egocêntrico. Recusa-se a aceitar a mudança e universaliza o subjetivo. O que importa é o *Eu* e o *agora*. Preso em uma cíclica angústia, tenta manter, a qualquer custo, tudo o que tem, mesmo que sejam pequenos restos. O Supereu do fascismo oblitera o Eu: a sua projeção imagina uma realidade intocável, uma perfeição que existe apenas para si. Assim, é inevitável que qualquer arranhão nessa realidade crie enorme dor. É necessariamente reacionário, justamente por seu medo de projetar uma reação. Quando Zeev Stenhell (DUCHIADE, 2019) afirma que o embrião do fascismo histórico foi

gerado na contrarrevolução francesa, ele não define, obviamente, que o fascismo tenha surgido no século XVIII, mas que é naquele momento que ganha força e é disseminado o cerne de qualquer fascismo: o medo reacionário da *degenerescência*.

Se fosse possível atribuir uma imagem alegórica ao fascismo, esta seria a imagem do vácuo. Ou, ainda mais apropriada, do buraco negro. O vazio que suga tudo a sua volta, que destrói o que o cerca. Um vazio colossal que se alimenta dos pequenos vazios do medo, do ressentimento e do rancor. Nada mais apropriado para a *política do nada* do que a *metáfora do nada*. Como herdeiro do reacionarismo, ele se pauta por uma irracionalidade que depende intrinsecamente de estímulos emocionais simplórios e rasos. Não à toa que a estética possui papel tão importante, como Walter Benjamin já havia percebido. Aliás, Freud já havia dito que, para movimentos políticos de massa, a sensação, acima da razão, era fundamental: “Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos: deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (FREUD, 2011, 27).

O fascismo é a estetização da política em seu maior expoente (PAXTON, 2007, p. 39). A destruição se torna bela. Benjamin (1994, p. 196) dizia que “a alienação chegou a tal ponto que a humanidade é capaz de experimentar a própria destruição como um prazer estético de primeira ordem”. De fato, a política fascista é baseada unicamente na substituição do debate, o sustentáculo de qualquer democracia minimamente estável, pela paixão (PAXTON, 2007, p. 39). Os homens-massa são movidos pela paixão, pela pura sensação causada pela estetização da política. O pensamento crítico é abominado e substituído pelo ódio puro e simples:

Walter Benjamin, o crítico cultural e exilado alemão, foi o primeiro a observar que o fato de o fascismo ter deliberadamente substituído o debate ponderado pela experiência sensorial imediata transformou a política em estética [...] Os líderes fascistas não faziam segredo de não terem um programa. Mussolini exaltava essa ausência. ‘Os Fascisti Combattimento’, escreveu ele nos ‘Postulados do Programa fascista’ de maio de 1920, ‘ não se sentem presos a qualquer tipo particular de forma doutrinária’. Poucos meses antes de se tornar primeiro-ministro da Itália, respondeu de forma truculenta a um crítico que exigia saber qual era seu programa: ‘Os democratas do Il Mondo querem saber qual é o nosso programa? Nosso programa é quebrar os ossos dos democratas do Il Mondo. E quanto antes, melhor. ‘O punho é a síntese de nossa teoria’, afirmou um militante da década de 1920. Mussolini gostava de declarar que ele próprio era a definição do fascismo. A vontade e a liderança de um Duce era o que um povo moderno necessitava, não uma doutrina. Foi só em 1932, após ter estado no poder por dez anos, e quando

quis ‘normalizar’ seu regime, que Mussolini formulou a doutrina fascista, num artigo (parcialmente redigido pelo filósofo Giovanni Gentile para a Enciclopedia Italiana. O poder vinha em primeiro lugar, a doutrina, depois (PAXTON, 2007, p. 39).

Vale lembrar que o próprio conceito de fascismo provém de uma metáfora para força e poder, uma reconstrução da palavra em latim *fasces*, uma espécie de machado (ALBRIGHT, 2018, p. 27). Além disso, a metáfora do machado romano impõe uma das principais características desse sistema: o fetiche por um passado mítico idealizado e o discurso de tentar retornar a ele (ILLING, 2018). Não obstante, Mussolini e os militantes fascistas se utilizavam, frequentemente, de símbolos e imagens que remetem à noção de força e poder, como o punho fechado. Quando em seu grau mais elevado, totalitário, oblitera qualquer valor que não lhe seja apazível. Quando em estado de movimento, em seu início, desvaloriza, desumaniza e esvazia qualquer outra ideologia política. Se ao fascismo convém apenas uma arte que seja heroica, nacionalista e gloriosa, então qualquer arte crítica será atacada, aniquilada, tachada de degenerada. Tudo aquilo que não é conveniente ao fascismo automaticamente se torna degenerado.

É perceptível como os símbolos que o fascismo empregava sobre si próprio eram sempre belicosos. Mais do que isso, eles revelam sobre a ideologia inócua do fascismo, por seu formato limitado a método de chegar ao poder. Como disse Madeleine Albright (2018, p. 15), “se a natureza abomina o vácuo, o fascismo o acolhe”. Mussolini não poderia ter utilizado uma imagem mais conveniente: sendo o fascismo todo pautado, e resumido, na estética do vazio, na ambição infinita por poder. A metáfora do *fascio*, como qualquer metáfora, transborda (ARENDT, 1991, p. 79-80). Por mais que o símbolo tenha se tornado bem menos presente após a guerra, limitado a alguns poucos grupos fascistas que admitem que o são, imagens semelhantes são criadas por praticamente qualquer grupo fascista contemporâneo (RIEMEN, 2020), que, importante lembrar, raramente se admitem como tal e geralmente preferem a problemática alcunha de “populistas de direita” (RIEMEN, 2020).

No sentido hobbesiano, que compreende viver em sociedade como uma permanente luta de todos contra todos (HOBBS, 2008, p. 96-97), e foucaultiano, que entende o poder como uma relação que perpassa por todos os indivíduos em uma sociedade (FOUCAULT, 1979, p. 183), o fascismo possui um fetiche pelo poder, pela manutenção da hegemonia cristalizada em um diamante de tradição. Por isso, não se

constitui apenas de um sistema político, mas, sobretudo, de uma metodologia (ILLING, 2018). Esse fetiche pelo poder é característico de seu vazio. Ele é o paroxismo do individualismo. O homem, como ser racional, está sujeito a uma solidão existencial que não atinge outros animais: “O homem é o único animal que pode ficar entediado, descontente [...] o único animal para quem sua própria existência se torna um problema, a qual ele tem que resolver e da qual não pode escapar” (FROMM, 1950, tradução nossa).

Em consonância com o pensamento de diversos pensadores, como Stenhell, Albright e Paxton, o cientista cultural neerlandês Rob Riemen (2012, p. 32-33) chama o fascismo, em sua obra *O eterno retorno do fascismo*, de manifestação política do niilismo. Certamente, não o faz no mesmo sentido da corrente política do Niilismo russo, que sacralizava o ideal de autonomia e pregava uma liberdade absoluta (TURGUENIEV, 2011, p. 08), que agigantava, por sua vez, a semântica do radical da palavra — *nihil*, do latim nada. Uma política tanatofílica, sem programa, sem fundamentos filosóficos, sem arquiteto intelectual, pautada por paixões reacionárias alimentadas por uma estética da destruição e um ideal inalcançável de nação. Rob Riemen disserta, em seu livro, sobre como o fascismo devora o *nihil* de cada ser humano, isto é, o medo, o ressentimento, a raiva e a solidão — enfim, a mesquinhez de todo homem. Não é coincidência que Pasolini (1975), ao escrever um dos primeiros ensaios sobre o neofascismo italiano da década de 1970, se utilize da imagem do vácuo no título de *Il vuotodelpotere in Italia* e o oponha em relação aos vaga-lumes e à grande luz do iluminismo.

Não sem motivo que “dentro de cada coração há um fascista esperando para aflorar” (SUNSTEIN, 2018, p. IX): todos são fascistas em potencial, sendo essa metodologia de poder uma exploração do ressentimento e do ódio que são inerentes a todos os seres humanos. É por isso que o fascista é quase sempre um *outsider* político que se vende como Messias; assim como, pelo mesmo motivo, o fascismo necessita de crises para crescer (ILLING, 2018). A crise alimenta esse ressentimento, o eleva exponencialmente (ILLING, 2018). Em época de prosperidade, o fascismo permanece adormecido. Mas, com crises, pode despertar em toda a sua força.

A melancolia do fascismo, portanto, bebe diretamente na fonte da melancolia reacionária. O medo da destruição, quando incentivado pela crise, promove o desejo de



retorno a um passado que passa a ser idealizado. O fascismo pratica uma relação simbiótica com o ódio: devora e é devorado por ele. Eles se apoiam um no outro para crescer e se desenvolver. Sua faísca, mesmo que dormente, sempre estará presente nas sociedades de massa (RIEMEN, 2012, p. 11) e pode ressurgir em lugares e épocas diferentes. Nisso o fascismo é bastante “democrático” — se, no limite, tomarmos o termo *democrático* como sinônimo de abrangente: ele abrange tudo e todos, e pode ser visto entre intelectuais e leigos, pobres e ricos, brancos e negros (ALBRIGHT, 2018, p. 17). Isso explica como se manifesta tanto em nações sem grandes problemas sociais, quanto em nações que transbordam de problemas; como está presente mesmo entre intelectuais e estudiosos. Essa é, coincidentemente, sua principal diferença em relação ao autoritarismo convencional, pois, enquanto o autoritarismo é imposto de cima para baixo, o fascismo é criado de forma circular, abrangendo todos os setores da sociedade (ALBRIGHT, 2018, p. 17).

Esses indivíduos inundados de ressentimento, medo e ódio, capazes de sucumbir à demagogia fascista, podem ser chamados de homens-massa, na definição de Rob Riemen, ou de micro-Eichmanns, para utilizar a imagem que David Runciman amplia, tomada de Hannah Arendt em *Como a democracia chega ao fim*. A sociedade de massas e o individualismo liberal-utilitário geraram uma sociedade engavetada, um barril de pólvora, que pode, invariavelmente, explodir em qualquer lugar (RIEMEN, 2012, p. 42). O medo e a insatisfação do fracasso, do futuro, da fragilização e falta de controle sobre as próprias vidas são a força-motriz de qualquer movimento fascista: “O medo é a razão de o alcance emocional do fascismo se estender a todos os níveis da sociedade [...] o fascismo depende tanto dos ricos e poderosos como do homem ou da mulher da esquina — dos que têm muito a perder e dos que não têm nada” (ALBRIGHT, 2018, p. 16).

Arendt mostra como Eichmann era, à primeira vista, um homem comum. Apenas um indivíduo médio, mas que acabou envolvido diretamente no Holocausto, mesmo dizendo não ser antissemita (ARENDT, 1999, p. 69-70), como ele próprio declarava. David Runciman (2018, p. 94) mostra como a fragilização democrática precisa de Eichmanns mais do que de Hitlers, isto é, o indivíduo sem autocritica que acaba por relativizar a violência em prol de uma suposta retomada de um passado mítico:

Existem Eichmanns em todas as sociedades, inclusive a nossa. Em tempos normais, podem ocupar postos administrativos desimportantes, adequados à sua falta de imaginação. O que os torna tão perigosos é sua incapacidade de resistir a uma ideia realmente terrível. Os agentes da destruição não se destacam em meio ao resto da população. Já estão no meio de nós (RUNCIMAN, 2018, p. 92).

Por isso o fascismo é uma metodologia de poder: transforma com eficiência o medo dos Eichmanns em desejo de poder, desejo de obtê-lo ou de ser dominado por ele de forma autoritária, desejo de que um Messias surja do vácuo e resolva todas as aflições que nos perturbam, todos nossos problemas. O fascismo é:

um movimento que se limita a explorar o ressentimento. Segundo Ter Braak, esse movimento centra-se na estimulação da agressão e da cólera. Não está realmente interessado em soluções, não tem ideias próprias e não pretende solucionar problemas sociais, porque a injustiça é necessária à manutenção de uma atmosfera de calúnia e ódio. Essas são as suas características mais importantes: a calúnia pela calúnia e o ódio pelo ódio. O ressentimento social exerce-se sobre um bode expiatório, causa de todos os males: o Judeu. Ao mesmo tempo este movimento considera-se a eterna vítima da “esquerda” e da “elite”, e nutre uma profunda aversão pelos intelectuais, cosmopolitas e por quem quer que seja diferente. Segundo Ter Braak, esta postura política é alimentada, não tanto pela estupidez, mas antes pela falta de cultura, reconhecível pela utilização contínua de slogans e de retórica. É uma forma reacionária de política que defende que tudo era melhor antigamente e que voltará a melhorar quando o povo for depurado dos elementos estranhos que arruinam sempre tudo [...] O fascismo não tem ideias nem profundidade [...] estes idealistas das massas usam o ‘homem comum’ para atingirem os seus fins (RIEMEN, 2012, p. 33-34, 36).

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) (LIMA, 2017) realizou uma pesquisa quantitativa nos moldes da que foi feita por diversos pesquisadores, entre eles Adorno (2019) e seu grupo de pesquisa, e publicada no livro *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Aplicaram, no Brasil, os questionários de Adorno e seus colegas acerca das configurações de uma personalidade autoritária/fascista e da propensão que uma população tem para abraçar o autoritarismo. Em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, os pesquisadores mostram a relação entre o medo e o autoritarismo. Eles foram capazes de perceber e apontar como ideologias etnocêntricas, embora possam permanecer adormecidas e latentes em tempos de estabilidade, são facilmente acentuadas e afloram em momentos de crise. Ainda mais importante: elucidaram como essa propensão pode aparecer em qualquer ideologia e partido a partir de comparações entre co-partidários — ideia que casa, justamente, com a noção do

fascismo como movimento onipresente, no sentido de abranger todas as camadas sociais. Entretanto, a pesquisa do FBSP também foi capaz de perceber que os grupos com mais medo — em particular o medo da violência, sobre o qual a pesquisa se voltou — tendem a ter maior propensão de apoio ao autoritarismo/fascismo (LIMA, 2017, p. 22).

## **2. NÃO VAI ACONTECER AQUI**

Provavelmente motivada pela ascensão de movimentos antidemocráticos por todo o mundo, a Editora Alfaguara relançou, em 2017, *Não vai acontecer aqui*, do primeiro estadunidense a receber o Nobel, Sinclair Lewis. *Não vai acontecer aqui* é praticamente um manual de etapas para a ascensão do fascismo — mas, sobretudo, um manual de como resistir a ele. Em resumo, o enredo narra a história de Doremus Jessup, jornalista liberal de Fort Beulah, uma fictícia cidade média de Vermont, e sua tentativa desesperada de fazer frente ao crescimento do fascismo em seu país. Aos poucos, um senador, Buzz Windrip, acumula poder e, com o apoio de entidades religiosas, grandes empresários e a Liga dos Esquecidos, uma associação de pessoas que vivem de assistência social, é eleito com uma plataforma que promete tornar a América grande de novo. A metodologia de poder fascista vai dando lugar, gradualmente, a um totalitarismo ao estilo Nazista, e Doremus acaba por perder tudo em consequência da incapacidade de aceitar a repressão. Na prática, a obra trata de uma apologia aos ideais da democracia liberal e uma crítica direta a qualquer forma de autoritarismo ou extremismo. Em diversas partes do livro, Lewis (2017, p. 24) critica ambos os extremos do espectro, ao passo que exalta os valores do liberalismo e da democracia, como na passagem em que afirma: “No geral, com gritantes exceções, a democracia tem dado ao trabalhador comum mais dignidade do que jamais teve”.

O fascismo trabalha para revisar não apenas o passado, mas o próprio presente. Como metodologia de poder, devora a verdade para cuspir, posteriormente, uma versão modificada apenas com os fragmentos que lhes são úteis. Não necessariamente se trata de uma mentira descarada, mas, muitas vezes, de omissões, pequenas alterações ou modificações no discurso — muito embora essas pequenas mudanças causem enormes impactos. O revisionismo pode estar presente em pequenas questões. Até mesmo o

discurso de tratar um golpe como uma revolução, uma vez que o governo revisionista que chega ao poder está presente em Sinclair Lewis: “Tais homens não consentiam com os assassinatos cometidos sob o regime Corpo. Mas insistiam, ‘Isto é uma revolução e, afinal de contas, quando em toda a história houve uma revolução com tão pouco derramamento de sangue?’” (LEWIS, 2017, p. 374).

O conspiracionismo é necessário ao fascismo, justamente pelo fato de o medo ser uma forma eficaz de controle. O totalitarismo usa o temor interno para controlar, criando uma onipresença do terror que faz com que até mesmo após a condenação por um líder, indivíduos continuem louvando-o. O fascismo, por seu turno, aposta em inimigos invisíveis que podem ser externos — outras nações, etnias vizinhas — ou internos — grupos minoritários, populações marginalizadas etc. Eles se pautam no maniqueísmo, na demonização desses grupos escolhidos arbitrariamente. No totalitarismo, por sua vez, todos são inimigos, mesmo os membros do partido dominante; no fascismo os inimigos são sempre os demais, aqueles que não se encontram imersos na seita. O nacionalismo surge, assim, como consequência do conspiracionismo paranoico: facilita na classificação arbitrária entre “bons” e “maus”.

*Não vai acontecer aqui* reedita a velha conspiração do “judeu internacional”, para citar a reedição estadunidense dos Protocolos dos Sábios de Sião (ROTH, 2015, p. 421-422). O judeu — além do negro — conspira para dominar o mundo. Teorias da conspiração não se pautam na lógica ou na razão, mas apelam exclusivamente para o emocional, motivo pelo qual as conspirações do fascismo, como visto no livro, são, muitas vezes, paradoxais entre si. Ademais, elas se recriam, se reinventam, mas mantêm a mesma estrutura. As narrativas conspiratórias migram e reaparecem sob novas roupagens em paralelo ao fascismo. Pois não seria o QAnon, por exemplo, e as conspirações envolvendo o filantropo judeu George Soros, que acreditam que os Estados-nações são controlados por uma elite financeira global que deseja alastrar o comunismo e formar um colossal Estado único, atualização dos Sábios do Sião, que dava sustento à ideia de que os Estados-nações eram controlados por uma elite comunista judaica (STANLEY, 2018, p. 72)? À paranoia do conspiracionismo, não importa a lógica, não importam fatos ou dados, o debate ponderado ou a razão. Apenas importam suas crenças — e quão mais irrealistas ou bizarras elas forem, melhor.

O problema se intensifica quando essas crenças fantasiosas se grudam como um peixe piloto ao fascismo e condenam à desumanização os inimigos objetivos. Lewis mostra isso em *Não vai acontecer aqui*. Enquanto a população negra é desumanizada por sua suposta violência, a população judaica é desumanizada majoritariamente pelo discurso populista antielite de Windrip, que assume estarem os “comunistas judeus e financistas judeus tramando para controlar o país” (LEWIS, 2017, p. 22). *Complô contra a América*, de Philip Roth, retoma a mesma questão, transpondo à autoficção e expandindo os discursos históricos de Charles Lindbergh e Henry Ford em que clamavam que uma elite judaica internacional, mancomunada com os bolchevistas, planejavam arrastar os Estados Unidos para a “guerra judaica” (ROTH, 2015, 410-412). Mostrando a linha frágil que separa o discurso conspiratório da violência física, o conspiracionismo descamba para o assassinato de mais de uma centena de pessoas, em sua maioria judeus, em protestos no final do livro.

A conspiração contra os grupos desumanizados, como foi visto, em geral, lhes impinge o rótulo de comunistas ou bolchevistas. No discurso paranoico e binário, tudo o que não agrada o fascismo é classificado como comunismo. Como a passagem abaixo evidencia

O que vai efetivamente fazer, e talvez só ele possa, é nos proteger dos bolcheviques assassinos, ladrões e mentirosos que - ora, eles adorariam enfiar em algum quarto todos nós que estamos indo para esse piquenique [...] Berzelius Windrip é o sujeito certo para barrar esses espões judeus sorrateiros e imundos que posam de liberais americanos (LEWIS, 2017, p. 46).

Se é verdade que o fascismo absorve traços e características da nação onde se manifesta, então naturalmente um fascismo estadunidense, como lembra Paxton (2007, p. 47), teria fortes inclinações raciais e contra a população negra. Uma vez mais, *Não vai acontecer aqui* percebe esses traços e os traz à ficção. A desumanização da população negra começa no programa de governo de Windrip. O décimo ponto de seu programa condena a população negra como culpada pela degradação da nação, já que “nada anima mais um fazendeiro desapossado ou um operário de fábrica vivendo de assistência do que ter uma raça, qualquer raça, que ele possa olhar com desprezo” (LEWIS, 2017, p. 73). Em outras palavras, o Corpoísmo absorve esses ressentimentos raciais e de classe e os transforma na desumanização do grupo escolhido. Como pautado

na tentativa pelo consenso político, impossível em um ambiente democrático, o fascismo de Windrip se coloca contra aqueles que enxerga como intrusos em seu país, aqueles que, por sua religião, cor de pele ou posição política, rejeitam a massificação em um corpo único. O medo desse grupo desumanizado penetra no âmago do homem-massa, alimentando o seu ressentimento melancólico e o seu temor da crise, fornecendo o ambiente propício para o Messias fascista:

A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. Na política fascista, mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, “cosmopolitas decadentes”, aqueles que não defendem a religião dominante, são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e da ordem. Ao descrever os americanos negros como uma ameaça à lei e à ordem, os demagogos nos Estados Unidos conseguiram criar uma forte noção de identidade nacional branca que requer proteção contra a “ameaça” não branca (STANLEY, 2018, p. 112).

Um dos exemplos mais marcantes dessa desumanização ocorre com Dr. Lionel Adams, um homem negro, Ph.D pela Chicago University, ex-cônsul na África, professor de antropologia na Howard University. Da mesma forma que os judeus no nazismo tiveram seus bens confiscados e foram afastados de suas profissões, os negros de *Não vai acontecer aqui* perdem seus empregos. Em uma passagem que revela, mais uma vez, o humor sarcástico de Lewis (2017, p. 345), “sua cátedra foi usurpada por um branco mais digno e necessitado, cujo treinamento em antropologia fora como fotógrafo numa expedição a Yucatán”. Adams é jogado no mesmo campo de concentração que Doremus, acusado de comunismo e conspiração contra o governo, por discursar a favor da igualdade racial. Na prática, acaba preso porque Shad Ledue, o ex-funcionário ressentido de Doremus, alçado ao posto de capitão dos Minute Men, se ofende com a ideia de um negro de terno (LEWIS, 2017, p. 346). Shad termina ele próprio preso no campo, por não dividir propina com o juiz Tasbrough. Responsável por grande parte das prisões do campo, não demora para que seja assassinado violentamente: além de ser queimado vivo, tem a face desfigurada. É simbólico que o perpetrador, o personagem sobre o qual recai um dos maiores ressentimentos melancólicos da história, morra sem rosto.

Por tornar mentira padrão de verdade, o fascismo assume que mesmo grupos desumanizados serão igualmente racistas uns com os outros. A desumanização disseminada como miasma aniquila a empatia e a humanidade, facilitando, dessa forma, que o próprio homem-massa aja como desumano. Isto é, a desumanização precede a repressão e, em casos de totalitarismo, possíveis genocídios (STANLEY, 2018, p. 08). Como unilateral e maniqueísta, o fascista interpreta que todos enxerguem o inimigo objetivo como desumano da mesma forma. Qual a surpresa dos fascistas quando Doremus e Karl Pascal não apenas não se ofendem, como gostam da companhia de Dr. Adams, que é colocado na mesma cela? Stoyt, alferes do campo, não consegue entender como ambos podem conversar com Adams como se ele fosse “branco e instruído!” (LEWIS, 2017, p. 346); por conseguinte, assume para si que isso ocorre porque os três seriam comunistas. O liberal, o comunista de fato e o intelectual negro — todos sob a mesma etiqueta de comunistas, o que lhes desumaniza duplamente. Adams é deslocado para uma solitária, “onde podia refletir sobre seu crime de ter cuspidado no prato que comia” (LEWIS, 2017, p. 346), sem, em nenhum momento, ter cometido crime maior do que afirmar que negros poderiam ser poetas, médicos ou docentes.

Nos campos de concentração de *Não vai acontecer aqui*, a desumanização atinge seu pináculo. Nesse sentido, é pertinente perceber a mimese preditiva de Lewis. Seus campos de concentração lembram muito a contraparte nazista. Todavia, em 1936, sua data de publicação, a NSDAP estava no poder há apenas três anos, e os campos de concentração existentes não chegavam a meia dúzia, bem distante dos quase cinquenta em operação ao final da guerra. Ainda que um campo famoso como Dachau já existisse, é pertinente relembrar que a situação era em geral maquiada, da qual vale mencionar a visita da Cruz Vermelha a Theresienstadt, quando nada de “anormal” foi constatado no campo (BOSI, 1999). A literatura de testemunho sobre o Holocausto, a potência escrita por Primo Levi em *É isto um homem?*, para citar um exemplo, ainda estava longe quando da publicação de *Não vai acontecer aqui*. Entretanto, passagens da obra de Lewis em muito se assemelham àquelas descritas por Levi mais de dez anos depois. Da mesma forma que no livro de Levi, o leitor de *Não vai acontecer aqui*, na descrição dos excertos do campo, pensa, consciente ou inconscientemente: *é isto um homem?*

No campo, o homem se torna simulacro de si mesmo. A individualidade hobbesiana do estado de natureza da guerra pétrea se aflora. Lewis (2017, p. 336) narra

a história de Clarence Little, tuberculoso que atua de forma semelhante aos *kapos* testemunhados por Levi, delatando seus companheiros e amigos para conseguir sua liberdade. Como diz Primo Levi (1998, p. 32), não há palavra em nenhuma língua que seja forte o bastante para expressar o processo de transformação do homem em animal. O Sr. Falck, antigo reverendo da cidade, avô do pretendente a genro de Doremus, gradualmente se bestializa, nada restando de sua anterior pompa ao final de sua vida:

Em agonia, o sr. Falck ergueu a cabeça suja da poeira do chão, endireitou os ombros e postou as mãos em prece, e com uma doçura na voz que Doremus outrora escutara quando os homens eram humanos, exclamou, “Pai, já perdoaste demais! Não os perdoa mais, mas amaldiçoa-os, pois eles sabem o que fazem!”. E tombou de bruços, e Doremus percebeu que nunca mais escutaria aquela voz (LEWIS, 2017, p. 341).

Em *Não vai acontecer aqui*, o Corpoísmo, uma vez que assume o poder, trata não apenas de reescrever a história, baseada no retorno ao passado mítico — no caso, o passado escravista dos EUA pré-guerra civil —, mas também de reler todo o próprio presente. O crime é considerado extinto neste governo autocrático, não por medidas de segurança pública eficientes, mas, sim, porque qualquer pessoa considerada suspeita é encarcerada em campos de concentração, e qualquer violência é considerada como política, como ato contra o partido, por mais que não o seja (LEWIS, 2017, p. 259). O desemprego também chega a zero, pois todos os desempregados são enviados para campos de trabalhos forçados (LEWIS, 2017, p. 259). A verdade é, então, dobrada em prol da propaganda

A questão toda é que Windrip, ou, em todo caso, os Corpos, estão aqui para ficar, Pai Estimado, e devemos basear nossas atitudes futuras não em alguma desejada Utopia, mas no que realmente temos. E pense só no que já fizeram! Apenas, por exemplo, como removeram os outdoors publicitários das rodovias, e acabaram com o desemprego, e o feito simplesmente estupendo de extirpar o crime por completo!” (LEWIS, 2017, p. 259).

Como Lewis mostra, o ponto mais fascinante das teorias da conspiração é o quanto elas tomam frações do real para modificá-las exponencialmente. Em *Não vai acontecer aqui*, os partidos de esquerda não conseguem se organizar para resistir ao fascismo. Os comunistas, em particular, em plena transição do fascismo para o totalitarismo, se detêm distribuindo panfletos de propaganda que não são lidos por ninguém (LEWIS, 2017, p. 271). Não há qualquer tentativa relevante de resistência



armada ou desobediência civil. O grupo que efetivamente se posiciona em resistência, New Underground, na prática, é financiado pelo ex-candidato republicano Walt Trowbridge. Ainda assim, Windrip se perpetua no combate contra os inimigos vermelhos invisíveis. E a despeito da inexistência de uma resistência de esquerda, o fascismo de *Não vai acontecer aqui*, durante toda a obra, depende da ilusão dessa resistência. Tanto melhor quando são atrelados à população judaica e/ou negra. Esse aspecto é particularmente útil ao Corpoísmo, porque permite a relativização. Ainda que o governo de Windrip seja ruim, é visto como uma alternativa melhor do que o comunismo: “Ora, uma das coisas que mais admiro nos Corpos é que [...] fomos salvos de uma invasão simplesmente terrível de agentes vermelhos de Moscou” (LEWIS, 2017, p. 259).

Em *Não vai acontecer aqui* é justamente a paranoia uma das responsáveis pelo colapso do regime ao final. De forma semelhante, totalitarismos e fascismos históricos mostraram que a paranoia disseminada em razão de Estado se torna, em longo prazo, insustentável. Com exceção de ficções como *1984*, todos os totalitarismos do real sucumbiram à sua própria loucura e megalomania, ainda que o conspiracionismo tenha se transformado em terror. Na obra de Lewis, o Corpoísmo morre e é destruído não por interferência estrangeira, guerra ou resistência doméstica — mas implode por suas próprias insanidades. Windrip, uma vez no poder, passa a acreditar que todos conspiram contra ele: “De Sarason ao mensageiro, quem não estivesse à disposição de seu ego era suspeito de conspiração” (LEWIS, 2017, p. 363). Gradualmente, Windrip se afasta de sua seita e se isola. O típico medo melancólico do fascismo dá lugar para o delírio. Na prática, o governo passa a ser conduzido pelo arquiteto intelectual do fascismoCorpoísta, Lee Sarason, até que este, por fim, de fato, dá um golpe.

Quando o Corpoísmo se torna totalitário, sua transição do medo melancólico para a paranoia está completa. Seguindo o golpe de Sarason, o regime procede em sucessivos golpes de Estado que, a cada sucessor, afirma que o anterior havia abandonado o Corpoísmo e migrado para o comunismo (LEWIS, 2017, p. 369). A guerra pelo poder se torna intensa e instável:

Numa proclamação, afirmara ter descoberto que Windrip andara desviando o dinheiro público e conspirando com o México para evitar a guerra com esse país criminoso, e que ele, Sarason, com pesar e relutância terríveis, uma vez que mais do que qualquer um fora enganado pelo suposto amigo Windrip,

cedera à urgência do gabinete e assumira a Presidência, no lugar do vice-presidente Beecroft, o traidor exilado (LEWIS, 2017, p. 369).

Doremus não é mitificado ou tratado como herói em nenhuma passagem. Sua resistência se desenvolve a partir de genuína insatisfação, principalmente após o assassinato de seu genro por tê-lo defendido, mas é ineficaz. Sua primeira reação com a eleição de Windrip é mesquinha, o que a torna verossímil. Compreendendo sua própria impotência, isola-se em misantropia estoica, limitando-se ao que lhe dá prazer: “Os gorjeios do canário e a confiável presença de Foolish trouxeram conforto a Doremus, fizeram o treinamento militar e os políticos dispépticos parecerem desimportantes” (LEWIS, 2017, p. 34). No conforto do seu real, o fascismo ainda não é mais do que uma ameaça, uma possibilidade. E o que mais ele deveria fazer? Windrip fora eleito democraticamente, a despeito de, durante as eleições, Doremus ter feito de tudo a seu alcance para mudar a opinião da maior quantidade de pessoas possível, até mesmo de seu círculo de convívio pessoal no jornal. Restava-lhe aceitar resoluto e desejar para que “mesmo sob o fascismo, o ‘relógio da Igreja marcará as dez para as três/ e ainda haverá mel para o chá’” (LEWIS, 2017, p. 45).

Contudo, sua tentativa de isolamento não perdura. Como vaga-lume, não consegue se entregar ao hedonismo, pois a necessidade de fazer o pouco a seu alcance o impele para sua própria destruição, por vício: “Por muitos anos, fizera do dever social um hábito” (LEWIS, 2017, p. 116). Inicialmente, emprega os poucos recursos de seu jornal na tentativa de atacar o Corpoísmo, ainda que ciente de sua inutilidade, mas não demora para que tenha a posse de sua empresa confiscada e seja forçado, para manter-se vivo, a atuar como fantoche.

Conforme o Corpoísmo implode por suas próprias paranoias e contradições, e a estratégia de inventar uma guerra contra o México com a intenção de estimular o nacionalismo acaba se revelando o estopim da insatisfação popular, a resistência se torna nacional. A popularidade do Corpoísmo esmorece, enquanto seus antigos apoiadores haviam:

acreditado quando ele dizia que desejava devolver o poder usurpado pelos banqueiros e industrialistas para o povo. Com o passar dos meses, ao perceber que haviam sido tapeados com cartas marcadas outra vez, ficaram indignados; mas estavam ocupados com seus milharais, serrarias e fábricas de laticínios e automóveis, e foi necessária a idiotice impertinente de exigir que marchassem através do deserto e ajudassem a roubar um país amigo para

incitá-los a acordar e descobrir que, enquanto dormiam, haviam sido sequestrados por uma pequena gangue de criminosos armados de ideais elevados, palavras assaz palatáveis e um monte de metralhadoras (LEWIS, 2017, p. 397).

A obra termina com o esboço de um leve otimismo. A última frase imprime uma aurora de esperança, que permite, ao leitor, devido ao colapso do regime, crer em dias melhores. A imagem contraditória que Doremus apresentou, durante grande parte do livro, seus vícios, seus desejos mesquinhos de isolamento, sua culpa burguesa ao tratar os eleitores do Corpoísmo com condescendência — eles, agora, dão lugar à mitificação do protagonista. Doremus se torna Hércules, dobrando-se em seu trabalho interminável e, agora, não mais irrelevante, de resistir. Ao perder tudo a que dava valor — sua filha, seu genro, sua esposa, seu jornal e seu nome — não se limita mais a permanecer em sua torre, afirmando um melancólico “eu avisei”, mas se entrega integralmente ao que lhe resta. Não é mais o pequeno vaga-lume, o pequeno *door mouse*, o burguês liberal provinciano, mas um dos líderes de uma resistência agora armada. Incorporando o trocadilho, seu luto se torna fermento para sua luta e, ainda que morra, outros tomarão o seu lugar e terminarão o que começou.

A adaptação cinematográfica de *Não vai acontecer aqui* — planejada como propaganda antifascista às massas e descartada, posteriormente, por receio de boicote cinematográfico de outras nações — alteraria o final, mas manteria sua substância (URWAND, 2014, p. 220, 225-226). Nele, Doremus, sob uma nova persona, dr. Dobbs, reapareceria ao final fornecendo metralhadoras a agricultores, enquanto sonha nostalgicamente com os tempos ordinários de sua vida familiar. O filme encerraria com Doremus dirigindo um caminhão, prosseguindo em sua resistência, enquanto *John Brown's body*, hino abolicionista da União, toca ao fundo: “O corpo de John Brown está mofando em sua sepultura / Mas sua alma segue em frente”. Ainda que a narrativa migre de uma mídia para outra e adquira novas nuances nesse processo, a essência permanece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não vai acontecer aqui* é uma ode à democracia liberal, ainda que não poupe críticas a nenhum dos lados do espectro: aos próprios liberais, aos conservadores e

comunistas e, sobretudo, aos fascistas — Lewis não isenta ninguém. O autor, ao ser convidado para um jantar com escritores comunistas, afirmou que eles não teriam lido o livro; do contrário, o teriam xingado (URWAND, 2014, p. 218). Seu protagonista, reeditando o racionalismo iluminista, defende que “tudo o que vale a pena no mundo foi conquistado pelo espírito livre, inquisitivo, crítico, e que a preservação desse espírito é mais importante do que qualquer sistema social, seja ele qual for. Mas os homens de ritual e os homens de barbárie são capazes de calar os homens de ciência e silenciá-los para sempre” (LEWIS, 2017, p. 383).

Ainda que com distintas diferenças, era inevitável que a contemporânea fragilização democrática mundial, em particular no país onde *Não vai acontecer aqui* se passa, fizesse ressurgir o interesse pelo livro de Lewis, assim como o fez, por exemplo, com *1984*. O livro voltou à lista de mais vendidos nos Estados Unidos, ganhou novas edições, foi lançado no Brasil e foi readaptado para o teatro pela Berkeley Repertory Theater (REIS, 2017). A eleição de Donald Trump criou uma onda de peças políticas nos EUA (REIS, 2017), da mesma forma que o Brexit criou um subgênero batizado de brexlit, do qual é oportuno destacar o já mencionado *A barata*, sátira de Ian McEwan (SARMENTO, 2019). No ambiente teórico, obras como *Como as democracias morrem*, *Como a democracia chega ao fim*, entre tantas outras, são alguns exemplos do subgênero de “crise da democracia liberal”, que se disseminou por livros de Ciência Sociais nos últimos anos. Apreensivos com a ascensão do fascismo, cientes que são alvos preferenciais, artistas, jornalistas e acadêmicos reagem com o que está ao seu alcance. É pouco; individualmente, quase irrelevante. Certamente, sua mobilização individual não é tão eficiente quanto uma revolta generalizada. Mas a junção de milhares de vaga-lumes minúsculos consegue fazer frente ao holofote fascista e suas mariposas suicidas grudadas na luz da obscuridade.

A literatura, em especial a literatura da destruição, é uma forma efetiva de oposição à política da destruição. Inevitavelmente, retornando à dicotomia binária clássica, as artes, a ciência, a cultura, a razão e a própria democracia em si, são expressões herdadas do iluminismo (DUCHIADE, 2019); enquanto o reacionarismo, a estetização de uma política baseada no ressentimento, no ódio e no rancor é a expressão máxima desse anti-iluminismo (DUCHIADE, 2019). Conforme Alexandre de Melo Andrade, professor da UFS: “Entendendo a arte como reveladora de verdades e como

um processo de ocultação e desocultação, Heidegger explora a possibilidade de a arte não ser apenas imitação do real, mas fonte de luz que se consagra como criação da verdade” (ANDRADE, 2009, p. 08). A arte, portanto, não é uma representação do real, mas a criação de uma nova realidade que acaba por influir sobre a nossa. A ficção sobre o fascismo permite compreender o fascismo em suas potencialidades, no que ele poderia ser ou ter sido, não necessariamente como foi. E, nesse sentido, permite combatê-lo em todas as frentes possíveis. A arte resiste e luta, se dobra através do pequeno *door mouse* para que não venha a acontecer aqui.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *et al. Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Planeta, 2018.

ANDRADE, Alexandre de Melo. Orides Fontela: a poética do retorno. *Darandina*, Juiz de Fora, v. 02, n. 02, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo18a.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2021.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BLUMENBERG, Hans. *Teoria da não-conceitualidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLUMENBERG, Hans. *Naufrágio com espectador*. Lisboa: Editora Vega, 1992.

BOESCHE, Roger. *The first great political realist: Kautilya and his Arthashastra*. Lanham: Lexington Books, 2002.

BOSI, Ecléa. O campo de Terezin. *Estudos avançados*, v. 13, n. 37, 1999. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141999000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000300002). Acesso em: 09 dez. 2020.

DUCHIADE, André. Onda nacionalista reedita velha batalha contra o iluminismo, diz historiador israelense. *O Globo*. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/onda-nacionalista-reedita-velha-batalha-contra-iluminismo-diz-historiador-israelense-23693033>. Acesso em: 03 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FROMM, Erich. *Man for himself: an enquiry into the psychology of ethics*. Londres: Routledge and Regan Paul LTD, 1950.

HOBBS, Thomas. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ILLING, Sean. How fascism Works. *Vox*. 2018. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/9/19/17847110/how-fascism-works-donald-trump-jason-stanley>. Acesso em: 25 jun. 2021.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWIS, Sinclair. *Não vai acontecer aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

LIMA, Renato *et al.* Medo da violência e apoio ao autoritarismo no Brasil. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. 2017. Disponível em: [http://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/medo-da-violencia-e-o-apoio-ao-autoritarismo-no-brasil/](http://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/medo-da-violencia-e-o-apoio-ao-autoritarismo-no-brasil/). Acesso em: 27 nov. 2020.

MOUNK, Yascha. *El pueblo contra la democracia: por qué nuestra libertad está em peligro y cómo salvarla*. Espasa Libros: Barcelona, 2018.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PASOLINI, Pier Pasolo. Il vuoto del potere. *Corriere della Sera*. 1975. Disponível em: <https://www.corriere.it/speciali/pasolini/potere.html>. Acesso em: 09 jul. 2019.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REIS, Guilherme Simões. Pela democracia, precisamos jogar fora o termo ‘populismo’. *La Libertad de Pluma*, 2020. Disponível em: <http://lalibertaddepluma.org/guilhermesimoes-reis-por-la-democracia-necesitamos-echar-el-termino-populismo-a-la-basura/>. Acesso em: 19 set. 2020.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RIEMEN, Rob. *O eterno retorno do fascismo*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

RIEMEN, Rob. Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. Entrevista concedida a Sergio Schargel. *Revista Cantareira*, n. 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

RUNCIMAN, David. *Como a democracia chega ao fim*. São Paulo: Todavia, 2018.

SARMENTO, Claudio. ‘Brexlit’: saída britânica da UE inspira gênero literário que abarca realismo, distopias e thrillers. *O Globo*. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/brexlit-saida-britanica-da-ue-inspira-genero-literario-que-abarca-realismo-distopias-thrillers-24058464>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SEEGER, Pete. *John Brown’s body*. Disponível em: [www.spotify.com](http://www.spotify.com). Acesso em 10 dez. 2020.

SILVA, Maurício Ferreira. *Comunicação e autoritarismo no Brasil: a política de comunicação do regime militar*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SUNSTEIN, Cass (Org.). *Can it happen here? Authoritarianism in America*. HarperCollins: Nova York, 2018.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

URWAND, Ben. *A colaboração: o pacto entre Hollywood e o Nazismo*. São Paulo: LeYa, 2014.

ZAMIÁTIN, Ievgeni. *Nós*. São Paulo: Aleph, 2017.

Recebido em: 09/02/2022

Aceito em: 26/04/2022